



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6452 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A BRINCADEIRA E A PRODUÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Janice Anacleto Pereira dos Reis - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

Kátia Patrício B. Campos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A BRINCADEIRA E A PRODUÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande/PB realizada entre os anos de 2017 a 2019, cujo objeto é o brincar na educação infantil. Nesse sentido, discutimos a criança e o brincar como produção cultural na escola. Embasamo-nos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e por discussões de Corsaro (2011); Fernandes (1979); Kishimoto (2011) entre outros que tratam a brincadeira como produção cultural da criança. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos procedimentos são a observação e a entrevista. A pesquisa revela a produção cultural infantil na brincadeira, a partir do universo adulto.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Brincadeira.

Introdução

Este texto, fruto de um recorte de pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEd, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, entre 2017 e 2019, reflete sobre a criança e o brincar como produção cultural na escola. A

pesquisa teve como objeto de estudo as práticas de seis professoras de duas creches de Lagoa Seca/PB relacionadas ao brincar na Educação Infantil, bem como o conhecimento delas sobre suas práticas e direcionamentos quanto aos modos de mobilização do brincar das crianças na creche e na pré-escola. Tomou-se a brincadeira como uma produção cultural da criança, tendo como referência a cultura adulta (BRASIL, 2009; CORSARO, 2011; KISHIMOTO, 2011; FERNANDES, 1979).

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa interpretativista, pois a produção dos dados se deu a partir dos significados das professoras sobre o brincar na Educação Infantil (GIL, 2008). A produção dos dados ocorreu a partir de observações nas duas instituições; registros em diário de campo; gravações em áudio; microfilmagens e entrevistas semiestruturadas. Esses instrumentos, além de imprimir maior credibilidade ao estudo, documentaram situações do cotidiano vivenciado nas creches pesquisadas (CRUZ NETO, 1994; PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005). Para análise da produção dos dados, utilizou-se o método Núcleos de Significação, com o objetivo de apreender o processo de constituição das significações construídas pelos sujeitos (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015).

A pesquisa revelou a produção cultural infantil na brincadeira a partir de normas, comportamentos, valores e crenças das crianças, respaldados pelo universo adulto. Constatou-se a produção cultural infantil no brincar, expressa pelas crianças nas brincadeiras de folguedos folclóricos, a exemplo das brincadeiras tradicionais e cantigas de rodas, muitas incentivadas pelas professoras pesquisadas.

A partir dos resultados do estudo, pretende-se discutir a criança e a produção cultural infantil, além da produção cultural infantil no contexto da brincadeira nas instituições pesquisadas.

A criança e a produção cultural

A entrada da criança na cultura de origem se dá através do brincar e da brincadeira. Brincando, ela aponta, gesticula, dialoga, escolhe objetos e brinquedos, ações que expressam valores, comportamentos, enfim, diferentes manifestações compreendidas pelos adultos como sinais de desenvolvimento e aprendizado. É na brincadeira (manifestação da ação do brincar) que a criança, sozinha ou com pares, participa da vida social, legitimando e reelaborando normas, crenças, valores, comportamentos, bem como folguedos folclóricos, a exemplo de cantigas de roda e brincadeiras tradicionais (amarelinha, passa-anel, empinar pipa, pião, entre outras).

Desse modo, na brincadeira, a criança aprende e adquire experiência social como fonte de atualização e de perpetuação de atitudes de preservação de valores e controle social, contribuindo para a agregação social. Ao brincar, educa-se e se prepara para a vida, mesmo quando os temas ou formas de brincadeira parecem obsoletos (CORSARO, 2011; FERNANDES, 1979).

O brincar e a brincadeira referem-se à produção cultural infantil. Portanto, é imprescindível que sejam incorporados à rotina da escola e norteiem as práticas pedagógicas nas instituições de educação infantil, uma vez que as interações e a brincadeira se constituem em principais eixos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). Por meio desses eixos, as crianças devem vivenciar experiências sensoriais, expressivas e corporais que possibilitem movimentação ampla e a expressão de diversas linguagens

(gestual, dramática, musical, plástica e verbal), uma vez que o brincar e a brincadeira são fontes de desenvolvimento e aprendizado.

Brincar é uma linguagem infantil, brincando, só ou acompanhada, a criança constrói e reelabora experiências de mundo, tornando legítima a cultura adulta. Desse modo, contribui para esta não pela repetição precisa das ações, valores, crenças ou normas de comportamento dos adultos, mas porque diversifica e amplia essas ações ao seu modo e interpretação, visto que é um sujeito ativo e não passivo no mundo. Assim, a criança tanto contribui para a produção cultural dos adultos, quanto, ainda, produz uma cultura própria e singular.

A produção cultural infantil, no contexto da brincadeira, dá-se a partir da cultura adulta por diversos modos, aqui destacando-se as formas mais recorrentes visualizadas na pesquisa. A primeira diz respeito à brincadeira de aproximação-evitação que, de acordo com Corsaro (2011), é uma rotina de brincadeira, essencialmente não verbal, na cultura infantil das crianças em idade pré-escolar. Nesse modo de brincar, elas escolhem outra criança que deverá representar o agente ameaçador, ou seja, o “monstro” que deverá correr atrás das demais crianças. O objetivo dessa brincadeira é a diversão, tanto pela fuga do agente ameaçador, quanto pela perseguição que este faz aos demais participantes.

A segunda forma de produção cultural infantil evidenciada no brincar realiza-se na brincadeira de papéis, também conhecida como faz de conta. Trata-se das situações em que a criança imagina exercer atividades além das suas possibilidades, como se fosse adulto. Por exemplo, um motorista que dirige um ônibus ou uma mãe que cuida da filha (brincadeira de boneca). Inclui ainda substituir objetos por outros, exercendo estes função simbólica, a exemplo de usar um galho de árvore como se fosse uma espada (CORSAO, 2011; VIGOTSKY, 1991).

A terceira forma de produção cultural infantil na brincadeira relaciona-se aos folguedos folclóricos, tais como cantigas de roda, brincadeiras tradicionais, parlendas, contos, provérbios, enfim, quaisquer formas de expressão, comunicação ou compreensão da realidade de um povo (FERNANDES, 1979). Na pesquisa, os folguedos mais evidenciados foram as brincadeiras tradicionais e cantigas de roda, sobre as quais se discorre na próxima seção, com as brincadeiras de evitação-aproximação e de papéis.

A escola e as crianças: como brincam?

A escola, devido à frequência com que nela ocorrem os encontros infantis, é o principal espaço social onde as crianças se reúnem para brincar e produzir culturas. Assim, é importante que, nela, as práticas pedagógicas sejam orientadas por brincadeiras que objetivem promover experiências que respeitem as singularidades e a diversidade cultural das crianças. Quanto mais o brincar for pensado e incorporado às práticas que ocorrem na escola, mais poderão acontecer situações que permitam o desenvolvimento da autonomia da criança em contextos que possibilitem aos adultos perceberem a riqueza da vida infantil (BARBOSA, 2009; STACCIOLI, 2013). É importante que esses contextos sejam convidativos, elaborados e organizados para as crianças, de modo que os objetos estejam sempre ao seu alcance e que elas possam, também a partir deles, criar suas próprias formas de brincar.

No contexto da pesquisa, percebeu-se que a brincadeira evitação-aproximação é bastante comum entre as crianças, como mostra o excerto a seguir:

Na creche da zona urbana, durante o café da manhã no refeitório, as crianças são orientadas a permanecerem na mesa e a somente saírem do local com a autorização da professora do grupo. Uma movimentação do lado de fora da porta chamou a atenção das crianças do grupo 3. Na ocasião, havia uma criança que encenava um monstro que impedia a passagem de um grupo de crianças, estas últimas encenando cachorrinhos. Os cachorrinhos deviam tentar atravessar a porta. Do lado de fora, havia uma criança (monstro) que rolava no chão com duas crianças (cachorrinhos) [...] Não demorou até a brincadeira chamar a atenção de duas professoras que a interromperam por, talvez, relacionarem a brincadeira à desordem ou a desentendimentos entre as crianças (DIÁRIO DE CAMPO, 15/03/2019).

Essa brincadeira é um modelo clássico da brincadeira evitação-aproximação (CORSARO, 2011), na qual as crianças (cachorrinhos) devem fugir de um agente ameaçador (monstro) dramatizado por uma criança. Tal brincadeira faz parte da produção cultural infantil e é geradora de sentimentos opostos nas crianças, que confrontam o medo e a coragem, a fuga e a permanência, a luta e a desistência, entre outras emoções. A interrupção da brincadeira pelas professoras ocorreu, possivelmente, por, talvez, desconhecerem o valor da brincadeira e sua expressão pelas crianças. Na ocasião, algumas crianças rolavam no chão, o que aparentava, para quem estava à margem do contexto da brincadeira, certa bagunça ou até desentendimentos entre elas.

Outra brincadeira bastante comum entre as crianças, que diz respeito tanto à produção cultural infantil quanto à contribuição da criança para a cultura adulta, é a brincadeira de papéis referendada por eventos da cultura adulta (CORSARO 2011). Na ocasião, observou-se no grupo das crianças do grupo 1:

Uma festa de aniversário entre duas meninas. Perguntei se podia participar da brincadeira. As meninas me aceitaram. Uma delas disse que iríamos cantar a música de parabéns. A brincadeira foi interrompida pela professora B, sob a justificativa de que era hora da leitura de histórias. Uma das meninas, aos prantos, reclamou que queria brincar. Após a leitura, as meninas foram para o recreio. Na volta do recreio, uma delas se aproximou de mim e disse: “Senta! Eu vou cantar teus parabéns!”. Ela não havia dado por encerrada a brincadeira quando foi interrompida pela professora. Após cantarmos a música de parabéns, a criança pediu que eu assoprasse a vela e simulou com suas mãos uma faca. Cortou o bolo e serviu para mim a primeira fatia. Em seguida, disse: Chega! Já brincamos demais (DIÁRIO DE CAMPO, 15/03/2019).

Na brincadeira de festa de aniversário, as meninas seguiram as orientações da cultura adulta, por saberem que nessa festa há rituais próprios a eventos desse tipo: cantar a música de parabéns para o aniversariante, cortar o bolo e, finalmente, servi-lo aos convidados. O fato de a professora ter interrompido a brincadeira revelou novamente certo desconhecimento sobre a sua importância para criança, numa perspectiva de simbolização do real. O modo de organizar a festa, tendo como referência o adulto, mostra a aprendizagem, pela criança, dos hábitos, modos de organização e valorização das coisas produzidas na cultura. Com isso, fica claro que o universo cultural adulto é referência no conteúdo das brincadeiras infantis, as quais revelam a apropriação da cultura pelas crianças, a exemplo do evento cultural festa de aniversário. Vale lembrar que esse tipo de conhecimento precisa ser melhor refletido pelos

adultos na escola, uma vez que o brincar não é algo vazio. Contrariamente, porta significados culturais que compõem os sujeitos nas suas subjetividades e revelam modos de compreensão do universo das pessoas.

Nessa direção, cabe destaque à experiência da brincadeira de arrumar cabelos, observada entre crianças do grupo 5.

Uma menina do grupo se aproximou da pesquisadora e perguntou: posso mexer no seu cabelo? A pesquisadora respondeu: pode. A menina soltou o cabelo da pesquisadora, que estava preso, e disse: “Vou fazer um penteado bem bonito”. Com um pente, penteou os cabelos da pesquisadora e colocou alguns adereços (DIÁRIO DE CAMPO, 28/03/2019).

Ao brincar de arrumar cabelos, a criança utilizou modelos de comportamento de adultos do seu entorno social em relação às práticas de embelezar-se. Outro fator que chama atenção é que, antes de iniciar a brincadeira, ela pediu autorização da pesquisadora para mexer em seus cabelos, o que possivelmente demonstra saber da importância de respeitar o espaço do outro. Tal brincadeira expressa a produção cultural infantil atrelada aos modelos culturais de comportamentos dos adultos e às regras estabelecidas culturalmente. São relações que tecidas entre crianças e adultos funcionam como modelos para aquelas, atuando positivamente ou negativamente, a depender da forma como são estabelecidas.

Outra forma de brincar das crianças, evidenciada nas instituições pesquisadas, diz respeito às brincadeiras tradicionais, aquelas passadas de uma geração a outra.

Na sala do grupo I, duas meninas brincam de mãos, brincadeira popularmente conhecida como copo de leite. Sobre a mesa, colocam suas mãos fechadas, enquanto uma delas toca as mãos de ambas, acompanhando com o movimento a canção: “pinto que pia, piri pipi, galo que canta, corococó, moça bonita que sai daqui”. A brincadeira termina quando a música acabar. A criança cuja mão for tocada por último deve retirá-la (DIÁRIO DE CAMPO, 16/03/2019).

Ao nascer, a criança já encontra folguedos folclóricos na cultura. A brincadeira de mãos corresponde a um exemplo clássico de brincadeira tradicional que, acompanhada por canções de uma geração precedente, utiliza as mãos como elementos centrais nessa forma de brincar. É nos grupos infantis que a criança assegura a existência e a produção de patrimônio cultural como brincadeiras tradicionais e cantigas de um povo em certo período histórico, em um processo que assume características do anonimato, transmissão e conservação (FERNANDES, 1979).

O adulto é o principal colaborador para a criança apreender as brincadeiras tradicionais, as quais também fazem parte do universo escolar. É nos encontros entre adultos e crianças, bem como entre crianças, que as gerações possibilitam a sobrevivência social das brincadeiras tradicionais pelos sujeitos de todas as faixas etárias, a exemplo das brincadeiras de roda:

A professora do grupo 4, de mãos dadas com as crianças, fez uma roda, da qual a pesquisadora é convidada a participar. Na ocasião, todos giravam, enquanto, com ajuda de uma caixa de som, cantavam: “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia

vamos dar”. A brincadeira terminou com todos deitados no chão (DIÁRIO DE CAMPO, 22/03/2019).

As brincadeiras resgatam formas culturais de ser dos sujeitos e dizem muito dos contextos de determinadas épocas. As cantigas de roda, nesse sentido, perpassam gerações e são elementos de um patrimônio cultural que proporciona diversão e prazer. De acordo com Fernandes (1979), as cantigas de roda são folguedos folclóricos cuja forma mais comum é a roda simples, em que as crianças se movimentam e cantam, simultaneamente. A brincadeira termina com a impossibilidade de se manter a roda, a partir da queda dos participantes ao solo. Mais do que divertimento, os folguedos folclóricos representam a produção cultural de um povo ou de uma geração.

É importante que os profissionais que atuam junto à primeira infância respeitem e valorizem em suas práticas os modos de vida dos sujeitos de uma dada cultura, representados nos folguedos e, principalmente, nas brincadeiras tradicionais. Mais do que a repetição mecânica das brincadeiras, os professores devem auxiliar as crianças, por meio do brincar e da brincadeira, a compreenderem os sentidos coletivos produzidos socialmente, bem como ajudá-las a elaborarem, na brincadeira, seus próprios significados acerca do mundo.

Considerações finais

No contexto dos grupos das instituições pesquisadas, percebeu-se que a produção cultural infantil atravessa a criança e que é na brincadeira que ela produz cultura, não somente na reprodução precisa de ações dos adultos, ou seja, das normas de condutas, valores ou crenças, mas também por meio da reelaboração dessas questões, bem como pela preservação do patrimônio cultural, a exemplo de folguedos folclóricos como brincadeiras tradicionais e cantigas de roda (CORSARO, 2011; FERNANDES, 1979; KISHIMOTO, 2011).

Essa compreensão do brincar como forma de constituição da criança como sujeito histórico e social é importante e impele a escola a ser agente ativo nesse processo. Desse modo, o brincar precisa ser melhor refletido e compreendido pelo adulto, que deve promover para a criança experiências significativas a partir de vivências éticas, estéticas e culturais que explorem elementos sensoriais, expressivos e corporais, a partir da movimentação ampla e das múltiplas linguagens (gestual, dramática, musical, plástica e verbal) (BRASIL, 2009).

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de significação**: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 155, p. 56-75, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742015000100056&script=sci_abstract>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas para a educação infantil**: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Maria Carmen Silveira Barbosa (consultora). Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BRASIL, Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08 ago. 2017.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Tradução Lia Gabriele Regius Reis. Revisão técnica Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília (org.). 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade São Paulo**. 2. ed. rev. pelo autor. Petrópolis: Vozes. 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. O jogo e a educação. In: _____ (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, p.15-48. 2011.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ÂNGELO, Margareth. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas**. Rev. Latino-americana de Enfermagem 2005. set./out.; 13(5): 717-22. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n5/v13n5a16.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

STACIOLLI, Giafranco. Um método de trabalho. In: **Diário de acolhimento na escola da infância**. Coordenação traduzida de Ana Lúcia Goulart. Revisão técnica de Maria Carmem Silveira Barbosa. Colaboração na revisão técnica de Sueli Amaral Mello. Tradução (do italiano) Fernanda Ortale e Paschoal Moreira. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.